

**O DIZER TÉCNICO-OBJETIVANTE E O DIZER POÉTICO:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM A PARTIR DE HEIDEGGER**

Maria Luiza Nascimento

Discente do curso de Filosofia da UESC

[mlnascimento.flis@uesc.br](mailto:mlnascimento.flis@uesc.br)

IC/FAPESB

Esse trabalho debruça-se sobre dois modos distintos de compreensão da linguagem: o dizer técnico-objetivante e o dizer poético. Tal distinção não se refere a uma simples diferença entre estilo, escrita e fala da linguagem. Na verdade, tal situação revela-se como um acontecimento que domina o homem e abala a sua relação com o mundo. A questão é: como? Para o filósofo, o dizer objetivante representa um distanciamento da essência da linguagem e um perigo que ameaça o homem no mais íntimo da sua essência. A partir da modernidade, a linguagem tem por característica ser determinada pela era da técnica e, por consequência, seus objetivos referem-se aos da máquina e essa, está sempre a exigir uma univocidade dos sinais. Quer dizer, a língua deixa-se determinar por uma interpretação técnica, restringindo-se a mero instrumento de comunicação, tendo por obrigação ser capaz de cobrir o maior número de informações baseando-se em três pilares: univocidade, segurança e rapidez. Nesse modo de dizer, usado como simples ferramenta para veicular informações, não há teor ambíguo, o falar determina-se por um sistema de “sim ou não”. Desta maneira, a língua torna-se um instrumento de análise para aquilo que está disponível enquanto objeto. Embora, obviamente, tal dizer não seja errado por buscar informação clara e distinta, ele afugenta o sentido mais próximo do ser do homem. Segundo Heidegger, isto ocorre porque ao mesmo tempo em que essa linguagem de informação busca a univocidade, ela também afasta o mistério que se preserva na ambiguidade e que acolhe todo o sentido do ser. Por outro lado, a língua de tradição exige do homem, a partir da língua conservada, dizer de novo o mundo, sempre sintonizada com o aparecer do ainda-não-apercebido, quer dizer, a preservação do inicial, a proteção de novas possibilidades da língua já falada. Heidegger identifica essa linguagem como a língua natural, ou seja, o dizer que não se deixa restringir à técnica, preservando-se enquanto “pano-de-fundo” de toda a transformação dessa. Tal dizer sustenta o reconhecimento de trazer à luz do aparecimento tudo o que se convoca, ao mesmo tempo em que acolhe tudo aquilo que não foi chamado pela palavra. Assim, enquanto a relação do homem com o ente repousa no fazer aparecer, isto é, sobre o dizer falado e não falado, no sentido próprio da língua, o dizer caracteriza-se como mostrar o presente e o ausente. E o único dizer capaz de abrigar e trazer para a proximidade esse mostrar é essa linguagem que possui o acesso para manter o mistério – o poético.

**Palavras-chave:** Linguagem. Técnica. Poético.